



O sermão poético das dores: pistas sobre o enfrentamento da dor na perspectiva pentecostal²²⁶

*The poetic sermon of pains:
Clues on coping with pain from the pentecostal perspective*

Alan Brizotti²²⁷

Mestrando no PPG em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: O pentecostalismo é amplo, complexo e pode ser lido sob diversas lentes. No presente artigo, pretendemos lançar pistas sobre o enfrentamento da dor na perspectiva pentecostal, suas leituras e experiências que podem produzir novos significados e aprofundar a visão terapêutica das dores. O artigo, a partir de uma concisa pesquisa bibliográfica, busca responder à seguinte pergunta: como o pentecostal enxerga o enfrentamento das dores: como motivo que o leva diretamente à busca dos milagres ou como instrumento de aperfeiçoamento e crescimento espiritual? Nossa hipótese é de que a potência imaginativa que se abre sob os olhares poético-proféticos na leitura pentecostal da dor, é parte do empoderamento que permite e reveste o crente para o enfrentamento das dores. Nosso texto é dividido em três seções que, pontuados pela poesia de Carlos Nejar, poeta e pastor pentecostal, e as contribuições da semiótica russa de Iuri Lotmann, buscam compreender a leitura pentecostal das dores a partir da metáfora do sermão poético que se prega na vida e na agitação dolorosa das experiências de enfrentamento do sofrimento.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Dores. Poesia. Semiótica. Experiência pentecostal.

Abstract: Pentecostalism is broad, complex and can be read through different lenses. In this article, we intend to launch clues about coping with pain from the Pentecostal perspective, its readings and experiences that can produce new meanings and deepen the very view of pain. The article, based on a concise bibliographical research, seeks to answer the following question: how does the Pentecostal see coping with pain, as something that leads directly to the search for miracles or as an instrument of improvement and spiritual growth? Our hypothesis is that the imaginative power that opens up under the poetic-prophetic eyes in the Pentecostal reading of pain, it's part of empowerment that allows and covers the believer to face pain. Our text is divided into three sections that, punctuated by poetry of Carlos Nejar, Pentecostal pastor and poet, and the contributions of Russian semiotics by Iuri Lotmann,

²²⁶ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). Número T.O. 448/2021; Processo 2021-KG806.

²²⁷ Mestrando em Ciências das Religiões pelo PPGCR-FUV (bolsista FAPES), graduado em Teologia. Psicanalista pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica, São Paulo. Membro da ABIB (Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica), da ABRATEF (Associação Brasileira de Terapia Familiar) e da RELEP Brasil.

seek to understand the Pentecostal reading of pain from the metaphor of the poetic sermon that is preached in life and in the painful experiences of coping with suffering.

Keywords: Pentecostalism. Pains. Poetry. Semiotics. Pentecostal experience.

Introdução

“Logo estarei onde as flores são eternas”.
Maria Woodworth-Etter²²⁸

Há um sermão que se prega sempre que a vida dói. Poético, profético, intenso, à flor da pele, atravessado pelo *pathos* mais humano possível. É o sermão que se prega e se vive em lágrimas, belo e profundo, simbólico, rico em significantes e significado. Quando pregado em sua amplitude, comporta-se semioticamente: ser-mão: aponta para o céu no meio do caos, para o silêncio do mistério. Sermão aqui é mais do que palavras ditas no púlpito, geografia específica do imaginário homilético, mas sim, a situação de púlpito que a vida cotidiana desafia e implica.

Neste artigo, pretendemos apontar algumas pistas²²⁹ sobre o enfrentamento da dor na perspectiva pentecostal, aqui entendida como pentecostalismo clássico²³⁰. A dimensão poética evocada será feita a partir do diálogo com o imaginário bíblico-poético, pontuada pela poesia de Carlos Nejar, pastor pentecostal e membro da Academia Brasileira de Letras, em seu *O Evangelho segundo o vento*²³¹ e os aportes da semiótica da cultura a partir das contribuições de Iuri Lotmann e sua função mnemônica. A vivência pentecostal encara as dores e suas lições como texto religioso que ensina no enfrentamento do cotidiano tornando-se depósito de memórias e testemunhos.

O sermão aqui será encarado como uma metáfora da vivência pentecostal de empoderamento nas dores: uma prédica existencial que percebe o Espírito Santo como fonte empoderadora da atividade profética²³². A metodologia utilizada foi uma concisa pesquisa bibliográfica que nos permitiu lançar alguns olhares para a interessante complexidade da relação dos pentecostais com o Espírito Santo e as dores. Será que a leitura pentecostal do enfrentamento da dor, quando empoderada pelo Espírito Santo, de alguma forma melhora e amplifica a relação do crente com as dores da vida? Estrutturamos o artigo em três seções que buscam lançar olhares investigativos para as pistas que o pentecostalismo lança no enfrentamento das dores.

²²⁸ Três semanas antes de sua morte, ao receber flores de uma irmã da igreja que a visitava em sua casa.

²²⁹ Trabalhamos com pistas por entendermos que os pentecostalismos são muito complexos e guardam uma multiplicidade de abordagens e perspectivas. Não temos a pretensão de esgotar ou definir a leitura pentecostal da dor somente neste espaço, logo, algumas pistas podem servir de balizadores para futuras imersões.

²³⁰ Consideramos como agente eclesial pentecostal clássico, em termos de contexto brasileiro, as Assembleias de Deus, uma das maiores expressões do pentecostalismo brasileiro. ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013; OLIVEIRA, David Mesquiati; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: Reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

²³¹ NEJAR, Carlos. *O Evangelho segundo o vento*. Campo Grande: Life, 2020.

²³² MENZIES, Robert. *Empoderados para testemunhar: O Espírito em Lucas-Atos*. Natal-RN: Carisma, 2021, p. 202.

Na primeira seção, nossas pistas serão guiadas pela experiência pentecostal com o Espírito Santo, sobretudo em sua metáfora do consolador, amplificando o alcance na pluralidade do vocábulo dores. Na segunda seção, lançaremos alguns olhares sobre a narrativa pentecostal do testemunho enfatizando a dinâmica da relação dor e cura implicadas numa proposta de ressignificação através do vocábulo redenção. Por fim, na terceira seção, nossas pistas olharão para o horizonte escatológico da esperança pentecostal: a extinção da dor. A hipótese é de que a potência imaginativa que se abre sob os olhares poético-proféticos na leitura pentecostal da dor, é parte do empoderamento que permite e reveste o crente para o enfrentamento das dores. À guisa de ilustração do empoderamento que enfrenta as dores e aprende, evocaremos como uma poética e singela homenagem, duas das grandes mulheres da história dos pentecostais: Maria Woodworth-Etter e Frida Strandberg Vingren.

1 Aquele que consola dores

A expressão utilizada por Jesus em Jo 16:7, O Consolador, pode ser percebida como um forte indicativo da relação terapêutica do Espírito Santo com os discípulos: consolar dores. Esse indicativo parece operar como uma lente hermenêutica da experiência, pois a dor é íntima a todos nós, repleta de registros experienciais. Nejar, em linguagem simbólica e carregada de imaginação teológico-poética, toca essa relação: “O divino está onde o humano caiu. Onde o humano está mais limitado, vem Deus chegando. Vem Deus com muita Eternidade. Deus todo cheio de Deus”²³³. A dor é o fato básico da experiência humana. É o lembrete contínuo do limite, o imperativo da urgência. Quando dói, precisamos parar e buscar ajuda. É o texto que todos leem.

Diante da experiência da dor tudo à nossa volta se revolta. Nossa postura e ações ajudam a moldar as memórias que as experiências dolorosas deixarão: se apenas a fúria que se revolta e arranca as velhas cascas gerando novos sangramentos, ou a nova forma de ver, os olhares que extraem beleza, profundidade e significado, apoderando-se dos novos sentidos para a própria vida. Nejar diz que “viver é significar”²³⁴. Na construção de sentidos, terreno propício da semiótica da cultura em diálogo com as teorias narrativas, Iuri Lotmann (1922-1993) pode nos ajudar. A polissemia dos discursos, as memórias do dizer, servem como tessituras dos novos significados, a *intensio lectoris* pentecostal parece capaz de intuir nas dores uma proposta de “texto cultural religioso”²³⁵.

Uma das principais características do Espírito-Paráclito²³⁶ é a memória. No texto de Jo 14:26, Jesus enfatiza aos discípulos que o Consolador, o Espírito Santo que seria enviado pelo Pai, além de ensinar, também os faria lembrar de tudo o que haviam escutado de Jesus. Pedagogia e memória, ações profundamente culturais, são diretamente aplicadas ao Espírito-Paráclito: cultura e espiritualidade como texto religioso que serviria como fundamento do testemunho sobre Jesus que os discípulos estariam agora capacitados a dar²³⁷: uma atmosfera de transmissão de aprendizado,

²³³ NEJAR, 2020, p. 113.

²³⁴ NEJAR, 2020, p. 120.

²³⁵ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Linguagens da Religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 17.

²³⁶ STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020, p. 300.

²³⁷ STRONSTAD, 2020, p. 300.

uma semiosfera pentecostal. A semiosfera, para Lotmann, é o entendimento de que o texto não é um fenômeno isolado, mas sim, espaço da cultura. De acordo com Nogueira, a semiosfera, na definição de Lotmann, “(...) os diferentes textos circulam, se reproduzem, se articulam e se relacionam assimetricamente, perfazendo um *continuum* semiótico”²³⁸, pode servir como lente para a semiosfera pentecostal. As memórias do dizer e do sofrer podem agir como registros de novos textos.

É interessante a narrativa joanina não colocar o Espírito Santo como um agente de cura direta e simplificada, ainda que também o seja, mas de consolo, uma ação pedagógica, cultural, mnemônica, pois usa as memórias como instrumentais de novidades. O consolo aqui amplia o significado das dores enfrentadas, não apenas as suprime ou retira. A simbólica do consolo já evoca a memória das dores, um processo terapêutico que convida os textos da dor e propõe a presença que ajuda a compreender a beleza da experiência. Nas palavras de Nejar: “Quando meu rosto está no pó, estou em todos. Sou o barro do unânime dia, o que se esqueceu para ser o de um só gênero humano. Quando meu rosto está no pó, levanta mais vivo”²³⁹.

As dores, aqui entendidas como provações, lutas, crises, enfrentamentos do mal, sofrimentos emocionais e espirituais, são comuns a todos nós, contudo, a leitura pentecostal das dores parece ter um sentido mais profundo, teológico e poético-profético. A leitura pentecostal do sofrimento não parece caber dentro das lentes dogmáticas e, até certo ponto, estreitas do paradigma cartesiano. São leituras mais livres, a partir de experiências extáticas, ávidas por construções significativas cuja aplicação pode ser feita no aqui e agora da experiência. Segundo Oliveira e Terra, “(...) o detalhe marcador da identidade do(s) pentecostalismo(s) é a *experiência*”²⁴⁰. As dores, terreno fecundo de atuação do Consolador, não são buscadas e/ou desejadas, mas quando se apresentam, são lidas como instrumentos de aprofundamento e crescimento espiritual. São experiências consoladoras de aprendizado.

Embora os diversos pentecostalismos tenham modos distintos de se envolverem com a dor, sobretudo no terreno do mágico e do culto ao milagroso, reduzir a leitura pentecostal do sofrimento ao exageros místico-esotéricos é prestar um desserviço à essa complexa semiosfera. Como explica James Smith: “O destaque pentecostal para os ‘sinais e maravilhas’, juntamente com as operações contínuas de todos os dons espirituais, parte dessa convicção fundamental: O Espírito de Deus é um espírito de novidade”²⁴¹. Tanto o que se apresenta como provação, quanto o que aparece como dores antigas, servem como lugar de ensino, teologia e novidade.

Há alguns anos, numa entrevista a um programa de televisão, uma senhora, negra, com muitos filhos, pobre, lavando roupas num pequeno açude no interior de uma cidadezinha do nordeste brasileiro²⁴² mostrou um vislumbre da prática da leitura pentecostal das dores. Enquanto a reportagem seguia enfatizando a pobreza do local e o desprezo do poder político, ao fundo, duas imagens ficavam evidentes: a pequena igreja com a modesta placa: Assembleia de Deus – e a senhora lavando roupas e

²³⁸ NOGUEIRA, 2012, p. 21-22.

²³⁹ NEJAR, 2020, p. 106.

²⁴⁰ OLIVEIRA; TERRA, 2018, [n.p.] grifo dos autores

²⁴¹ SMITH, James K. A. *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020, p. 79.

²⁴² O vídeo foi transmitido numa aula de missiologia dentro de um templo da Assembleia de Deus na cidade de Croatá-CE, em março de 2003. Infelizmente não foram passados os dados técnicos do vídeo, somente o vídeo em recorte bastante modesto.

mexendo os lábios e o corpo num ritmo cadenciado. Quando a câmera se aproximou dela e abriu o áudio, ouvimos seu canto: “Eu tenho um amigo que me ama, me ama: seu nome é Jesus!” No pior dos cenários, ela evoca duas poderosas imagens simbólicas: o amor e a amizade, a parceria e o consolo.

2 Dor redimida: a glória do testemunho

Quando a dor é enfrentada a partir da experiência do consolo, gera testemunho, uma narratividade promotora de sentido, capaz de aprofundar o vivido no aqui e agora, além de contribuir com o depósito de memórias que fortalecem a experiência. No dizer de Smith: “Na espiritualidade pentecostal está implícita a intuição epistemológica de que somos ‘animais narrativos’”²⁴³. A leitura pentecostal da dor vai além da ação definitiva da cura, amplificando essa experiência a partir da ideia de redenção. O Espírito Santo não trata a nossa dor somente quando oferece cura imediata, mas essencialmente quando a redime, emprestando-lhe outras possibilidades significativas, incluindo-a no processo da teologia da salvação²⁴⁴. Não é difícil encontrar nas igrejas pentecostais muitas pessoas enfrentando situações terríveis ao longo de décadas, mas ainda assim, confiantes, testemunhando de que tudo está sob o controle de Deus, não como determinismo, mas como confiança vigorosa.

A “imaginação pentecostal”, conceito trabalhado por Amos Yong, “nor-teia tanto o discernimento quanto a participação”²⁴⁵. O olhar redimido pentecostal leva as experiências para fora do lugar de culto, entrando nas dinâmicas da vida comum: no trabalho, na rua, na praça, em estado missional puro, contando testemunhos e ensinando lições de um sagrado que se experimenta nas fúrias do cotidiano. O vínculo testemunhal também é múltiplo: a pregação, a conversa evangelizadora e as campanhas missionárias tornam-se espaços de transmissão e compartilhamento das experiências, gerando uma espiritualidade afetiva e ampliando a visão do cuidado de Deus e de sua ação terapêutica. Segundo Bernardo Campos:

“Pode-se dizer que o homem e a mulher pentecostais são um *homo cultualis*, isto é, um homem e uma mulher do *cultus* e para o *cultus*, para quem a vida não admite diferenças entre o sagrado e o profano, porque tudo tem sido já consagrado por Deus”²⁴⁶.

Esse *homo cultualis* leva para a vida diária, fora dos templos, a presença consoladora capaz de ensinar e empoderar. As dores ganham outros contornos quando vistas sob as lentes dessa espiritualidade. Redimidos, a presença da dor perde sua capacidade de terror, seu poder de transtornar, pois o Espírito que consola e ensina, também fortalece e o eleva ao lugar do arauto, do que testifica sobre as grandezas do reino, as maravilhas de Deus, assim como na linguagem paradigmática de Atos 2.1-13²⁴⁷. Essa santa linguagem apresenta-se como texto religioso das novas percepções: redenção, pedagogia e missão. Na linguagem nejariana: “Nada sustém o alfabeto de Deus”²⁴⁸.

²⁴³ SMITH, 2020, p. 85.

²⁴⁴ PURDY, Vernon. A cura divina. In: HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 501-502.

²⁴⁵ YONG, Amos. *Apud*: SMITH, 2020, p. 68-69.

²⁴⁶ CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018, p. 113.

²⁴⁷ OLIVEIRA; TERRA, 2018, p. 197.

²⁴⁸ NEJAR, 2020, p. 108.

Quando olhamos essa experiência testemunhal e suas bagagens históricas de memórias e lições, somos remetidos novamente à semiótica da cultura. Nas palavras de Terra: “(...) A religião pode ser compreendida tanto como discurso por meio do qual se compreende o mundo, quanto espaço dialógico e semiótico de formações discursivas”²⁴⁹. As leituras pentecostais da dor transitam por esses espaços dialógicos evocando memórias, fortalecendo tradições e ampliando os horizontes de sua experiência. Dentro desse espaço semiótico de trocas e diálogos, como aponta Lotmann, “as línguas vivem a lógica da interação e interorganização em processos de modalização”²⁵⁰.

A força pentecostal em sua presença massiva nos lugares de escassez e sofrimento pode ser compreendida também como um apoderar-se dessa missão no caos. A pregação, o sermão que se faz poético no meio das dores, não é apenas a retórica que fala, mas não comunica, é também, uma ponte significativa, pois afetiva, capaz de dialogar com quem sofre oferecendo exatamente a mesma promessa originária: consolo. Essa capacidade de decifração da vida a partir das lentes empoderadas pelo Espírito Santo, promove a coragem para encarar a vida dolorosa e transforma o sermão em poesia existencial. Nas palavras de Nejar: “E não fujo da chama. Sou o que ela queima. Por que, para chegar à luz, as coisas doem?”²⁵¹.

3 Horizonte escatológico: a esperança de extinção da dor

A escatologia pentecostal é muito mais ampla e interessante do que parece. Há muito mais nesse horizonte escatológico do que o imaginário teológico das outras tradições supõe. Grande parte das ilações sobre a escatologia pentecostal vem do desconhecimento e/ou do desprezo para com essa tradição²⁵². Nesta seção, pretendemos olhar para o horizonte escatológico da promessa que alimenta a esperança da extinção da dor: “(...) e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram” Ap 21:4. O sermão poético encontra nessas dimensões da dor – morte, pranto e lamento – não uma visão pessimista e amedrontadora, mas sim, uma vitória retumbante do reino de Deus, uma vitória pessoal, uma vitória do Consolador²⁵³.

Essa imaginação apocalíptica esperançosa move a leitura pentecostal da dor e, ao mesmo tempo, é alimentada por ela. Os testemunhos que proliferam nos cultos pentecostais, no templo e na vida, são indicativos dessa força motriz que os empurra ao horizonte vitorioso. Nejar retrata João escrevendo com esse olhar poético-profético: “Eu, João, capturei a Deus com a mão da palavra, com a mão presa na Dele”²⁵⁴. A mão

²⁴⁹ TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso*. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, v. 16, nº 51, p. 1085-1106, 2018, p. 1087.

²⁵⁰ TERRA, 2018, p. 1094.

²⁵¹ NEJAR, 2020, p. 45.

²⁵² A obra de teologia sistemático-carismática recém-publicada no Brasil pela Thomas Nelson, apresenta a visão pentecostal com riqueza e erudição, tornando-se um marco na teologia pentecostal brasileira. CARVALHO, César Moisés; CARVALHO, Céfora. *Teologia sistemático-carismática: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022, vol. 2, p. 1709-1773.

²⁵³ STRONSTAD, 2020, p. 248.

²⁵⁴ NEJAR, 2020, p. 64. Na simbólica nejariana, João é, ao mesmo tempo, personagem poético e figura mística evocativa de João, o visionário, autor do Apocalipse. Nejar, como pastor pentecostal (Igreja Cristã Maranata), preenche sua poesia com os imaginários sagrados, em intertextualidades que

que escreve e os olhos que leem são os instrumentos desse sermão poético que enfrenta as dores crendo que a promessa da extinção se cumprirá. Nas palavras de Bernardo Campos: “A hermenêutica pentecostal é fundamentalmente uma hermenêutica do Espírito, que procura a compreensão mais profunda do sentido messiânico nas Sagradas Escrituras, nos acontecimentos e na própria experiência dos crentes na igreja e em sua vida cotidiana”²⁵⁵.

A perspectiva pentecostal caminha nessa terra de dores olhando para o horizonte escatológico da promessa. O teólogo pentecostal Stanley Horton diz que “a Bíblia inteira focaliza o futuro. Um futuro assegurado pela própria natureza de Deus”²⁵⁶. A natureza de Deus na Bíblia é basicamente relacional, logo, a espiritualidade pentecostal, não tem medo de assumir sua experiência como lugar teológico, pois as experiências e seu vínculo testemunhal não se contradizem. Segundo Kenneth Archer, a “narratividade pentecostal” como “filtro hermenêutico” é usada pelos pentecostais para dar sentido ao mundo e à sua experiência, pois no testemunho pentecostal, embora o palco seja a vida dos crentes, o Espírito é o protagonista²⁵⁷.

A rica história do movimento pentecostal é repleta de homens e mulheres que deixaram um legado de enfrentamento das dores, fazendo de suas vidas um sermão poético de longo alcance. Duas dessas mulheres podem ser evocadas aqui: Maria Woodworth-Etter (1844-1924) e Frida Strandberg Vingren (1891-1940). Essas mulheres enfrentaram dores das mais diversas, preconceitos e injustiças, contudo, seu ministério floresceu, sua influência ainda pode ser sentida, mesmo com o esforço para apagar suas histórias. Maria Woodworth-Etter, conhecida como “a avó do pentecostalismo”, foi uma influente e prestigiada evangelista e pregadora do final do século XIX nos Estados Unidos. Apesar de sua pouca educação formal e de seu casamento tumultuado com Philo Horace Woodworth, homem sem interesse pelo seu ministério e por assuntos religiosos, teve um ministério célebre, com avivamento, curas, pregação fervorosa, glossolalia e expulsão de demônios.

Maria divorciou-se de Philo Woodworth em 1891, por causa de um adultério dele, e casou-se novamente em 1902, com Samuel Etter, que a ajudou e apoiou financeira e emocionalmente até morrer em 1914. Com Philo, ela teve seis filhos, cinco dos quais morreram jovens. A filha, Lizzie, morreu num acidente de bonde, em 1924, aos sessenta anos. Segundo Roberts Liardon, Maria, aos oitenta anos, enfrentando mais esse duro golpe de enterrar todos os filhos, pregou no funeral da filha, enfatizando aos presentes que “depositassem sua fé em Deus, elevassem seus olhos para o céu e não para a sepultura”²⁵⁸. No livro de Liardon há diversos testemunhos do ministério de Woodworth-Etter: curas, êxtase, pregação. Sua luta contra o preconceito masculino, seu pioneirismo e força frente às muitas dores, escreveram seu nome na história do pentecostalismo. Juntamente com outra grande mulher, sua contemporânea, Phoebe Palmer, tornou-se uma das pioneiras no enfrentamento da oposição masculina contra

amplificam o alcance das palavras. Ver: LAGO, Davi; TERRA, Kenner (orgs) *Carlos Nejar e o sagrado: aspectos literários, espirituais e proféticos*. São Paulo: Editora Recriar, 2022.

²⁵⁵ CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Leopoldo-RS: Editora Sinodal, 2002, p. 90.

²⁵⁶ HORTON, 1996, p. 609.

²⁵⁷ ARCHER, Kenneth J. *Apud*: SMITH, 2020, p. 109.

²⁵⁸ LIARDON, Roberts. *Os gerais de Deus: por que tiveram sucesso e por que alguns falharam*. São Paulo: The Hay Books, 2008, p. 37. Ver KEEFAUVER, Larry. *Maria Woodworth-Etter: devocional*. Clássicos Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

o ministério de mulheres. Apesar de tantas dores, sua máxima ainda ecoa: “É preferível se desgastar por Jesus Cristo a ficar enferrujado”²⁵⁹.

Outra mulher que viveu em essência o sermão poético das dores é Frida Strandberg Vingren. Frida Maria Strandberg, missionária sueca enviada ao Brasil em 1917 pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, foi muito importante na expansão do movimento pentecostal no Brasil que resultou nas Assembleias de Deus²⁶⁰. Frida se casou com o missionário Gunnar Vingren, com quem teve filhos e trabalhou na implantação de várias igrejas espalhadas pelo país. De acordo com a pesquisa de Valéria Vilhena, Frida enfrentou muita resistência e teve diversos embates com os líderes da igreja no Brasil, uma relação tensa com escândalos e violências simbólicas que deixaram marcas profundas em sua alma²⁶¹. Enfrentar uma rede de liderança masculina pronta para ignorá-la e diminuí-la foi devastador e enlouquecedor. Sua contribuição, sobretudo com os hinos deixados na Harpa Cristã, segue abençoando gerações. Como diz a letra do hino *Bem-aventurança do crente*, de autoria de Frida Strandberg Vingren: “Os mais belos hinos e poesias foram escritos em tribulação”²⁶². O horizonte escatológico da esperança sempre foi mais forte e consolador, pois manteve essas e outras personagens na luta, confiantes e firmes.

Conclusão

A pergunta que nos orientou neste singelo trajeto pela jornada pentecostal foi sobre o enfrentamento da dor nas lentes pentecostais, como são encaradas, vividas e assumidas na experiência cotidiana. A partir da metáfora viva do sermão poético-profético, com o auxílio do olhar poético-pentecostal de Carlos Nejar, vimos que a espiritualidade pentecostal assume outra perspectiva sobre a dor: não apenas a cura, o mágico, mas sim, a redenção, a pedagogia divina a partir da experiência com o Consolador, imagem poderosa evocada pelo Senhor Jesus Cristo. Sob os auspícios da semiótica russa, Iuri Lotmann, perpassamos os conceitos de semiosfera e mnemônica, levando-nos à percepção do ganho de aprendizagem que os pentecostais apreendem a partir do enfrentamento empoderado das dores, alimentando uma tradição, uma espiritualidade e uma teologia.

Vimos se confirmar a hipótese de que a potência imaginativa que se abre sob os olhares poético-proféticos na leitura pentecostal da dor, é parte do empoderamento que reveste e capacita o crente na caminhada ao horizonte escatológico da esperança. A experiência – ponto fundamental da leitura pentecostal do Espírito Santo – reveste-se de significado levando a uma ação restauradora de vida e sentido. O pentecostalismo em sua narratividade testemunhal, gera um texto cultural religioso profundo e inspirador, cuja chama não se apaga e o sermão segue convocando homens e mulheres a deixarem seu legado.

As dores ainda não foram extintas, mas a promessa segue iluminando o céu dos caminhantes. O sermão poético das dores ainda é ministrado nas ruas e nas

²⁵⁹ LIARDON, 2008, p. 39.

²⁶⁰ VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Tese de doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo, 2016. MORAES, Isael Araújo de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

²⁶¹ VILHENA, 2016, p. 35.

²⁶² VINGREN, Frida. *Bem-aventurança do crente*. Harpa Cristã, hino 126. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

madrugadas frias do sofrimento, contudo, a ação espiritual do Consolador, tanto como memória, quanto como alívio no caos, segue empoderando, inflamando e conclamando a uma nova aurora, numa escatologia esperançosa e numa linguagem carregada de novos desdobramentos.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus, 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

Bíblia Brasileira de Estudo. São Paulo: Hagnos, 2016.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma Protestante à pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CAMPOS, Bernardo. *O princípio da pentecostalidade: hermenêutica, história e teologia*. São Paulo: Recriar, 2018.

CARVALHO, César Moisés; CARVALHO, Céfora. *Teologia sistemático-carismática: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

HORTON, Stanley M. As últimas coisas. In: *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. HORTON, Stanley M. (ed.). Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

KEEFAUVER, Larry. *Maria Woodworth-Etter: devocional*. Clássicos Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

LAGO, Davi; TERRA, Kenner (orgs.). *Carlos Nejar e o sagrado: aspectos literários, espirituais e proféticos*. São Paulo: Recriar, 2022.

LIARDON, Roberts. *Os generais de Deus: por que tiveram sucesso e por que alguns falharam*. São Paulo: The Hay Books, 2008.

MENZIES, Robert. *Empoderados para testemunhar: o Espírito em Lucas-Atos*. Natal: Carisma, 2021.

MORAES, Isael Araújo de. *100 mulheres que fizeram a história das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

NEJAR, Carlos. *O Evangelho segundo o vento*. Campo Grande: Life, 2020.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Linguagens da religião: desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, David Mesquiati; TERRA, Kenner R. C. *Experiência e hermenêutica pentecostal: reflexões e propostas para a construção de uma identidade teológica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

SMITH, James K. A. *Pensando em línguas: contribuições pentecostais para a filosofia cristã*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil; Renova, 2020.

STRONSTAD, Roger. *Hermenêutica pentecostal: Espírito, Escritura e teologia*. Natal: Carisma, 2020.



TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso*. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, 2018.

VILHENA, Valéria Cristina. *Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)*. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura. Tese de doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, São Paulo, 2016.

VINGREN, Frida. *Bem-aventurança do crente*. Harpa Cristã, hino 126. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.